

Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó



Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó
13 a 16 de outubro de 2002

Comissão Organizadora

José Alexandre Felizola Diniz

Maria Cleonice Vergne

Maria Luzia M. Vieira

Maria Tereza S. Cruz

Fernando Lins de Carvalho

Almir Souza Vieira Júnior

Ilustração da capa: Fragmento do painel do Sítio Letreiro

Editoração Eletrônica: Adilma Menezes

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arqueologia de Xingó faz entrega à comunidade científica nacional dos Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó, evento realizado em Canindé do São Francisco, de 13 a 16 de outubro de 2002.

Do presente volume constam o relatório sobre o que foi o Workshop, os textos completos das conferências proferidas pelos professores José Luís de Moraes, Pedro Inácio Schmitz e Carlos Alberto Etchevarne, os resumos das 20 comunicações apresentadas em painel e os programas dos minicursos ministrados pelas Professoras Aracy Losano Fontes, Tânia Andrade Lima, Margarida Davina Andreatta, Marisa Coutinho Afonso e Márcia Angelina Alves.

Com essa publicação, o MAX conclui as atividades do Workshop e divulga, no meio arqueológico, as atividades e a produção resultante do evento.

O MAX espera que o Encontro tenha contribuído para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos no país, almejando que dele possa advir um maior interesse por esse campo da pesquisa científica.

UM PANORAMA SOBRE OS GRAFISMOS RUPESTRES NO MARANHÃO

Arkley Marques Bandeira

No Maranhão, como em quase todo o Brasil, encontramos um tipo de vestígio arqueológico denominado grafismo rupestre, popularmente difundido como arte rupestre, que desde o século XVI vem despertando no país o interesse de curiosos e pesquisadores, devido à sua origem e significação.

A Arqueologia emprega o termo arte rupestre para conceituar os vestígios arqueológicos encontrados em diferentes superfícies rochosas, como paredões, matacões, pisos rochosos, tetos e paredes de cavernas, em lajes próximas de rios ou em blocos menores de granito. Tais vestígios podem aparecer na forma de furos, sulcos, picotes, traços e linhas geométricos intencionalmente elaborados, denominados de gravuras, assim como desenhos de várias cores, formas e tonalidades, denominados de pinturas. Devemos considerar “a palavra arte como uma simples aproximação, pois em termos de beleza, os autores dos grafismos rupestres, na maioria dos casos, não procuravam de modo algum provocar um sentimento estético” (PROUS: 1992; 510).

Devido à raridade de informações e à quase ausência de pesquisas envolvendo a arqueologia em si e mais precisamente os grafismos rupestres no Maranhão, algumas publicações inclusive ignoram a presença deste tipo de registro arqueológico na região:

“Os grafismos rupestres foram localizados até o momento em quase todos os estados nordestinos, com exceção do Maranhão”
(ECHTEVARNE: 1999; 126).

O Estado do Maranhão tornou-se praticamente um “hiato arqueológico”, constatação que deve ser feita e refletida, principalmente quando observamos os resultados significativos obtidos na pesquisa arqueológica de dois estados vizinhos e limítrofes, como no Piauí, através da Fundação e Museu do Homem Americano e no Pará, com o Museu Paraense Emilio Goeldi. Carneiro afirma ainda que “O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é o órgão responsável pela segurança, cadastramento e

licenciamento de pesquisas arqueológicas, embora nesses 40 anos de vigência da Lei (Lei Federal n 3.924 de 26 de julho de 1961) nenhuma política concreta de gerenciamento dos sítios tenha sido implantada em nosso estado, havendo total descontrole e negligência, ocasionando a perda irreparável de suportes da memória pré-histórica maranhense” (Carneiro: 2001; 13).

Cabe, portanto a esta comunicação traçar um panorama bibliográfico das pesquisas arqueológicas executadas no Estado do Maranhão envolvendo os grafismos rupestres, através do mapeamento dos municípios que apresentem este tipo de vestígio pré-colonial em sua região, objetivando elaborar um relatório informado o potencial arqueológico das localidades que foram cadastradas na pesquisa.

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO MARANHÃO, EVIDENCIANDO OS GRAFISMOS RUPESTRES:

Apesar do Maranhão figurar em relatos de naturalistas e viajantes desde o século XVII, Prous afirma que “que o capuchinho francês Yves d’Evreux reproduz o discurso de um pajé indígena que faz provavelmente referência a gravuras no Maranhão” (PROUS: 1992; 509). Costa também faz uma breve referência quando afirma que Alfredo de Carvalho em sua *Pré-História Sul-Americana*, publicada em 1909, indica que “os litoglifos encontram-se no Maranhão, no Ceará, no Piauí, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, deles se ocuparam o autor de *Diálogo das Grandezas do Brasil*, o padre Yves d’evreux, o padre Francisco Correia Teles de Meneses” (COSTA: 1959; 163), as primeiras informações precisas sobre os vestígios rupestres maranhenses vieram aparecer na literatura acadêmica somente a partir da década de 1970, quando o professor Olavo Correia Lima, junto com sua equipe, baseado nas informações de Olimpio Fialho, desenvolveu uma série de viagens, objetivando comprovar as informações obtidas sobre os grafismos rupestres no Estado.

O resultado das incursões foi o mapeamento, descrição e as primeiras sínteses sobre a ocorrência de vestígios rupestres no município de São Domingos no Maranhão, nas imediações da Serra das Alpercatas e Serra da Boa Vista, onde segundo LIMA, “A cultura rupestre maranhense acompanha exclusivamente os incidentes espeleológicos. O Maranhão só possui formações rochosas à medida que sobe o alto Sertão, onde mesmo

assim, revelam-se mais ferruginosas e calcárias que magmáticas. A cultura rupestre de São Domingos foi encontrada em cavernas: Elida, Olímpio Fialho e Casa da Pedra” (LIMA: 1984; 90). No entanto, as primeiras intervenções arqueológicas sistemáticas ocorrem com o levantamento realizado pelo Arqueólogo Deusdediti Carneiro através do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão, quando:

“Em 1990, através de contatos mantidos entre a Prefeitura Municipal de Carolina e o DPHAP-MA, efetuou-se um levantamento preliminar na região do Rio Farinha onde foram localizados os sítios Morro das Figuras, caracterizado pela existência de gravuras com motivos antropomorfos e representações de pegadas e pontilhados e o sítio Morro das Araras, com painéis geométricos, ambos inseridos na região de fauna e flora típicas do cerrado e em suportes areníticos” (CARNEIRO: 1998; 8).

Em 1992 é publicado pela Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, através do DPHA-MA o resultado do Programa de Cadastramento e Documentação dos Sítios Arqueológicos existentes na região do Rio Farinha em Carolina, Sul do Maranhão.

Após 10 anos passados da primeira documentação publicada de gravuras rupestres realizados sistematicamente no Maranhão, realizaremos através de futuras pesquisas comprovações em cima da literatura analisada, objetivando a localização e o mapeamento de novos sítios, entre eles “Lajeado do Escrivão, no município de São João Sóter, sítio Pedra da letra, no município de Gonçalves Dias” (CARNEIRO: 1998; 08), além de sondagens sobre as informações dispersas sobre a ocorrência de vestígios rupestres nos municípios de Mirador, Colinas, Imperatriz, Açailândia, entre outros.

Neste sentido e pelo que ficou exposto na comunicação, carecemos com a máxima urgência de implementação de políticas que possibilitem oferecer condições mínimas para a localização, mapeamento e pesquisa de novos sítios, muitos já em vias de destruição, bem como de políticas de conservação e proteção dos sítios já cadastrados.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUIAR, Alice (1984) Tradições e Estilos na Arte Rupestre no Nordeste do Brasil. CLIO-Revista do Curso de Mestrado de História, Recife, UFPE, n.5,p.91-104.

CARNEIRO, Deusdediti Leite Filho; LEITE, Eliane Gaspar (1998) Grafismos Rupestres. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore.São Luís-MA, n. 12-p. 8.

CARNEIRO, Deusdediti (2001). Valorização do Passado: em busca das tradições remotas. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore.São Luís-MA, n.13.

COSTA, Angyone (1959). Introdução à Arqueologia Brasileira (etnologia e História).V.34, terceira edição revista, Brasiliense p.157-164.

ETCHEVARNE, Carlos (1999-2000). A ocupação Humana no Nordeste do Brasileiro Antes da Colonização Portuguesa.In: Antes de Cabral: Arqueologia brasileira I. revistausp, n.44, São Paulo-SP, p.112-141.

FIALHO, Olimpio (1956). A Casa da Pedra. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Ano VII n. 06, São Luís-MA, p.47-51.

LIMA, Olavo Correia (1985). Província Espeleológica do Maranhão. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.Ano LIX, n 10, São Luís-MA, p. 62-70.

LIMA, Olavo Correia (1986). Cultura Rupestre Maranhense. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Ano LX, n. 11-São Luís –MA, p. 7-12.

LIMA, Olavo Correia; AROSO, Olair Correia Lima (1989). Pré-História Maranhense. SIOGE, São Luís-MA.

PROUS, André (1992). Arqueologia Brasileira.UNB, Brasília-DF.